

RUTH DRUART

UMA
NOVA
ESPERANÇA
PARA SAMUEL

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para o Jeremy, o Joachin e o Dimitri a minha
inspiração para esta história

E em memória da minha avó Diana White

«Sacrifiquemos um dia para ganhar talvez
uma vida inteira.»

VICTOR HUGO, *Les Misérables*

Primeira parte

Capítulo 1

Santa Cruz, 24 de Junho de 1953

Jean-Luc

Jean-Luc leva a navalha à face, a observar o seu reflexo no espelho da casa de banho. Por uma fração de segundo, não se reconhece. Faz uma pausa, com a navalha a meio caminho, e olha-se nos olhos, a perguntar-se o que será. Há agora nele qualquer coisa de americano. Está ali, no seu saudável bronzado, nos dentes brancos, e em mais qualquer coisa que não consegue identificar com precisão. Será a maneira confiante como ergue o queixo? Ou o sorriso? Seja o que for, agrada-lhe. Americano é bom.

Volta ao quarto com uma toalha à volta da cintura. Uma forma escura lá fora prende-lhe a atenção. Pela janela, vê um *Chrysler* preto subir a rua a passo de caracol e deter-se junto ao carvalho em frente da casa. Estranho. Quem poderá ser, às sete da manhã? Olha para o carro, distraído, e então o cheiro amanteigado dos *crêpes* quentes vindo lá de baixo chama-o para o pequeno-almoço.

Entra na cozinha, beija Charlotte na face e despenteia os cabelos do filho em jeito de saudação matinal. Olha pela janela e vê que o carro ainda lá está. Um homem alto e escanzelado sai do lugar do condutor, a esticar o pescoço, a olhar em redor – como um pelicano, pensa Jean-Luc. Do outro lado apeia-se um homem grande e corpulento. Dirigem-se à casa.

A campainha da porta corta a manhã como uma faca. Charlotte ergue os olhos.

– Eu vou – diz Jean-Luc, já a caminho. Tira a corrente do encaixe e abre a porta.

– Senhor Bow-Champ? – diz o homem-pelicano, sem sorrir.

Jean-Luc olha para ele, observa o fato azul-escuro, a camisa branca e a gravata lisa, a expressão arrogante dos olhos. Regra geral deixa passar o facto de as pessoas pronunciarem mal o seu nome, mas esta manhã alguma coisa lhe espicaça o orgulho. Talvez seja o homem que está na soleira da sua porta.

– Beauchamp – corrige. – É francês.

– Eu sei que é francês, mas estamos na América. – O homem-pelicano semicerra quase imperceptivelmente os olhos enquanto avança um sapato preto e brilhante e o atravessa na soleira da porta. Espreita por cima do ombro de Jean-Luc, e então o seu pescoço faz um estalido quando volta a cabeça para um lado, a olhar para o alpendre debaixo do qual o novo *Nash 600* da família está estacionado. Encurva um dos cantos do lábio superior. – Sou o senhor Jackson e este é o senhor Bradley. Senhor Bow-Champ, gostaríamos de fazer-lhe umas perguntas.

– A respeito de quê? – Jean-Luc acrescenta inflexão para mostrar a sua surpresa, mas até a si mesmo a voz soa a falso: uma oitava acima. Sons abafados do pequeno-almoço chegam até ali vindos da cozinha: pratos a serem empilhados, o riso ligeiro do filho. Estes ruídos familiares ecoam à sua volta como um sonho distante. Fecha os olhos, a tentar agarrar as orlas que se esfumam. O grito de uma gaivota chama-o de volta ao presente. O coração bate-lhe depressa contra as costelas, como uma ave aprisionada.

O homem grande e corpulento, Bradley, inclina-se para a frente e baixa a voz.

– Há seis semanas foi transportado para o County Hospital em consequência de um acidente de viação?

Estica o pescoço, como que na esperança de conseguir informação sobre a vida no interior da casa.

– Sim. – O pulso de Jean-Luc é cada vez mais rápido. – Fui atropelado por um carro que dobrou a esquina demasiado depressa. – Faz uma pausa, inspira. – Perdi os sentidos.

O nome do médico, Wiesmann, surge-lhe no espírito. Fez-lhe uma série de perguntas enquanto ele estava ainda a recuperar a consciência, meio zozzo: «Há quanto tempo está nos Estados Unidos? Onde arranhou essa cicatriz que tem na cara? Já nasceu só com um dedo e o polegar na mão esquerda?»

Bradley tosse.

– Senhor Bow-Champ, gostaria que nos acompanhasse até à City Hall.

– Mas porquê?

A voz saiu-lhe num grasnido.

Os dois homens estavam à sua frente como uma barreira, as mãos atrás das costas, os peitos projetados para a frente.

– Pensamos que seria melhor discutir este assunto na City Hall em vez de aqui à sua porta, à frente dos seus vizinhos.

A ameaça velada aperta o nó que se lhe formou no estômago.

– Mas que fiz eu?

Bradley rola os lábios para dentro.

– Trata-se apenas de um inquérito preliminar. Podíamos pedir a assistência da polícia, mas nesta fase inicial preferimos... preferimos esclarecer bem os factos. Tenho a certeza de que compreende.

Não, não compreendo, quer ele gritar. Não sei do que estão a falar.
Em vez disso, murmura:

– Dêem-me dez minutos.

Fecha-lhes a porta na cara e volta à cozinha.

Charlotte está a fazer deslizar um *crêpe* para um prato.

– Era o correio? – pergunta sem erguer os olhos.

– Não.

Ela volta-se, uma pequena ruga a sulcar-lhe a testa, os olhos castanhos a interrogá-lo.

– Dois investigadores... Querem que vá com eles para responder a umas perguntas.

– A respeito do acidente?

Ele abana a cabeça.

– Não sei. Não sei o que querem. Não quiseram dizer.

– Não quiseram dizer? Mas têm de dizer. Não podem pedir-te que vás com eles sem te dizerem porquê.

A cor esvaiu-se-lhe das faces.

– Não te preocupes, Charlotte. Acho que é melhor fazer o que eles dizem. Esclarecer o que for. São só umas perguntas.

O filho parou de mastigar e está a olhar para eles, de testa franzida.

– De certeza que não demoro muito. – A voz soa-lhe a falso. Como se fosse outra pessoa a dizer aquelas palavras de conforto. – Importas-te de ligar para o escritório? Diz-lhes que vou chegar atrasado. – Volta-se para o filho. – Tem um bom dia na escola.

Ficou tudo muito silencioso, como a calma antes da tempestade. Jean-Luc roda sobre os calcanhares e sai da cozinha. Normal. Tem de agir como se tudo aquilo fosse normal. É uma mera formalidade. Que poderão eles querer?

Dez minutos. Não quer que voltem a tocar à campainha, de modo que se apressa em direção ao quarto, abre a gaveta do roupeiro, olha para as gravatas enroladas como serpentes. Escolhe uma azul com pequenas pintas cinzentas. A aparência é importante numa situação como esta. Tira o casaco do cabide e torna a descer a escada.

Charlotte espera-o à porta da cozinha, a tapar a boca com a mão. Ele pega-lhe, beija-lhe os lábios frios, a olhá-la nos olhos. Então volta-se.

– Adeus, filho – grita para a cozinha.

– Adeus, papá. Até logo.

– Até logo, crocodilo.

A voz quebra-se-lhe, volta a falhar a nota certa.

Sente os olhos de Charlotte nas costas enquanto abre a porta da rua e segue os dois homens até ao *Chrysler* preto. Inspira fundo, a forçar o ar até ao fundo do abdómen. Lembra-se da chuvada que caiu durante a noite; sente a terra espessa de água que já começa a evaporar-se. Em breve o ar estará húmido e quente.

Ninguém fala enquanto passam em frente das casas familiares, com grandes relvados que se estendem até ao passeio, e pela papelaria, a padaria, a geladaria. Daquela vida que ele aprendeu a amar.

Capítulo 2

Santa Cruz, 24 de junho de 1953

Charlotte

Estou a olhar pela janela da cozinha, apesar de o carro preto ter desaparecido há já vários minutos. O tempo parece ter congelado. Não quero que volte a avançar.

– Mamã, cheira-me a queimado.

– *Merde!* – Pego na frigideira que está ao lume e atiro o *crêpe* esturricado para o lava-louça. O fumo enche-me os olhos de água. – Vou fazer-te outro.

– Não, obrigado, mamã, estou cheio.

O Sam salta do banco e sai da cozinha a correr.

Enquanto olho em redor, os restos do pequeno-almoço interrompido enchem-me de pânico. Mas tenho de me recompor. Subo a escada devagar, entro na casa de banho. Chapinho a cara com água fria, visto o mesmo vestido que já usei ontem e torno a descer.

A caminho da escola, o Sam saltita a meu lado.

– Mamã, o que achas que aqueles homens vão perguntar ao papá?

– Não sei, Sam.

– O que poderá ser, mamã?

– Não sei.

– Talvez seja a respeito de um assalto.

– O quê?

– Ou um assassinio!

– Sam, cala-te.

Ele para no mesmo instante de saltitar e começa a arrastar os pés. Sinto uma pontada de culpa, mas tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Quando chegamos aos portões da escola, as outras mães já estão de regresso a casa.

– Olá, Charlie! Hoje atrasaste-te. Apareces para o café mais logo? – pergunta a voz da Marge do meio do grupo.

– Claro – minto.

Depois de deixar o Sam, deixo-me ficar perto do portão, a dar às outras tempo para se adiantarem. Quando vejo que já se afastaram o suficiente, volto a casa devagar, a solidão a ameaçar engolir-me. Estou meio tentada a juntar-me a elas para o café, mas sei que não vou conseguir impedir-me de deixar escapar qualquer coisa. É possível que ninguém tenha visto o carro que veio buscar o Jean-Luc esta manhã, mas se alguém viu, teria de ter uma história preparada. Elas iam querer saber todos os pormenores. Sim, é melhor evitar qualquer contacto.

Em casa, vou de divisão em divisão, a sacudir as almofadas do sofá, a lavar a louça do pequeno-almoço, a rearranjar as revistas na mesa de café. Digo a mim mesma que não vale a pena estar a preocupar-me, não vai ajudar ninguém; ao fim e ao cabo, só o levaram para lhe fazer umas perguntas. Devia dedicar-me a qualquer coisa prática, para manter a mente ocupada. Podia aparar a relva, poupar esse trabalho ao Jean-Luc.

Calço os sapatos de jardinagem e arrasto o cortador de relva para fora da garagem. Vi o Jean-Luc puxar o cordel ao lado para o pôr a funcionar, de modo que faço o mesmo. Não acontece nada. Volto a puxar; lá dentro qualquer coisa tosse, mas morre logo a seguir. Agora puxo com mais força e mais depressa. De repente, está a zumbir e a afastar-se, arrastando-me consigo. Fede a gasolina, mas eu até gosto do cheiro.

O ritmo é calmante, e fico desapontada quando o trabalho acaba tão depressa. Volto a guardar o cortador de relva na garagem e regresso a casa.

Talvez a sala esteja a precisar de uma limpeza. Tiro o aspirador do recanto por baixo da escada e lembro-me de que ainda ontem aspirei.

Derrotada, deixo-me escorregar para o chão, com o grosso tubo do aspirador ainda na mão.

O passado chega em vagas. O Jean-Luc nunca me deixa falar dele. À sua maneira pragmática, disse-me que o deixasse para trás, onde é o seu lugar. Como se fosse assim tão simples. Tentei, tentei de verdade, mas não posso controlar os meus sonhos quando estou a dormir, e é então que vejo a minha mãe, o meu pai. A minha casa. Estes sonhos deixam-me com uma saudade da minha família que projeta uma comprida sombra. Tenho estado em contacto com eles; escrevi-lhes quando nos instalámos aqui e arranjámos um lugar para viver. A *maman* respondeu; uma carta curta, seca, a dizer que o *papa* não estava pronto para me ver. Tinha ainda umas coisas a perdoar.

Volto à cozinha e olho pela janela, a desejar que o Jean-Luc regresse. Livre do interrogatório, as suspeitas infundadas. Mas há só a rua deserta.

O som distante do motor de um carro acelera-me a pulsação. A inclinar-me tão para a frente que quase toco com o nariz na janela, espreito para fora. *Por favor, Deus, que seja ele*. O coração afunda-se-me no peito quando vejo um familiar *capot* azul dobrar a esquina: a Marge, do outro lado da rua. Vejo-a debater-se com os sacos de compras enquanto os dois gémeos correm atrás um do outro à volta do carro. Ela olha na minha direção. Recuo apressada para a proteção das cortinas de renda. Segredos e mentiras. O que é que alguém sabe de verdade a respeito das vidas dos vizinhos?

Hoje não tenho vontade de me encontrar com quem quer que seja. Se alguém viu o carro preto, a esta hora já todas as mães o sabem. Imagino-as a tecer hipóteses, a ficarem excitadas. Não, preciso de sair daqui, distanciar-me. Podia ir fazer compras a outra povoação, onde não esbarre com ninguém; um lugar espaçoso e anónimo, como um desses grandes supermercados.

Pego na mala, tiro as chaves do gancho junto à porta da frente e enfio-me no carro antes que alguém possa ver-me. Conduzo para norte ao longo da estrada costeira, com o vento a agitar-me os cabelos. Adoro conduzir depressa; dá-me uma sensação de liberdade e independência. Posso fingir que sou quem quiser.

Ao fim de meia hora, avisto o sinal a indicar uma Lucky Store. Viro à esquerda na estrada e sigo as indicações até ver um parque de estacionamento cheio de carrinhas. Há um restaurante de hambúrgueres e um carrossel. O Sam havia de adorar o sítio; talvez possamos trazê-lo cá num sábado, passar um dia. Por norma, evito estes grandes supermercados. Prefiro o comércio local, onde posso pedir ao merceiro as maçãs mais frescas, ou ao homem do talho a carne menos gorda. Arranjam sempre tempo para escolher os melhores produtos para mim, por verem que sei apreciá-los.

Não me sinto à vontade neste enorme supermercado, com as suas intermináveis filas de produtos habilmente expostos. Donas de casa de saia comprida, saltos altos e cabelos ondulados empurram grandes carrinhos a abarrotar de embalagens de plástico e latas. Enche-me de nostalgia, de saudades de casa, de Paris.

Frango, digo a mim mesma que é o que vou cozinhar esta noite: frango com limão. O prato preferido do Jean-Luc.

Duas embalagens de peitos de frango, uma embalagem de leite e quatro limões têm um ar perdido e triste no fundo do carrinho quando chego à caixa. Sinto-me embaraçada, mas não consigo concentrar-me no que mais íamos precisar para a semana.

A empregada da caixa lança-me um olhar estranho.

– Precisa de ajuda para pôr os artigos no saco?

Está a ser sarcástica? Abano a cabeça.

– Não, obrigada. Acho que consigo sozinha.

O meu estômago emite ruídos audíveis enquanto ponho o solitário saco de papel castanho na bagageira. Não tomei o pequeno-almoço. Talvez devesse comer um hambúrguer, mas só pensar nisso dá-me volta ao estômago. Conduzo até casa, a rezar para que o Jean-Luc já tenha voltado.

Estaciono o carro e corro para a porta da frente. Está trancada. Ele não pode estar em casa. Por que pensei que estaria? Teria ido direito para o escritório, de qualquer modo. Sei que estaria preocupado por já estar atrasado.

São três da tarde. Tenho de ir buscar o Sam à escola daqui a meia hora. Talvez hoje seja melhor chegar mais tarde do que mais cedo. Mais

cedo significa que vou ter de conversar com as outras mães. Ele podia vir para casa sozinho – há vários miúdos que o fazem –, mas eu adoro ir buscá-lo; é o meu momento preferido do dia. Quando era uma rapariguinha, em Paris, todas as mães iam buscar os filhos, preparadas com uma baguete recheada de quadrados de chocolate escuro. É como se fosse uma tradição familiar estar ali à espera dele no fim do dia. Mas hoje, pela primeira vez, vou chegar cinco minutos atrasada. O que me deixa com vinte e cinco minutos para passar.

Ponho o frango no frigorífico e lavo as mãos, escovo as unhas com a velha escova de dentes que está pousada no peitoril da janela. A voz do meu pai ecoa-me na cabeça. «As unhas limpas são o sinal de alguém que sabe cuidar de si», dizia sempre que me apanhava com as unhas sujas. «Como os sapatos», acrescentava com frequência. «Pode-se saber muito a respeito de uma pessoa olhando-lhe para as unhas e para os sapatos.»

«Não na América», dir-lhe-ia eu agora, se o visse. «Na América olham para os nossos cabelos e para os nossos dentes.»

Quando devolvo a escova ao seu pote, espreito pela janela, a tentar não alimentar grandes esperanças. A rua continua deserta. O meu estômago volta a protestar. Sinto-me um pouco zonza. Devia comer qualquer coisa doce. Tiro a lata da prateleira de cima do armário, embrulho um biscoito em papel de estanho para o Sam e parto outro ao meio para mim. Dou-lhe uma pequena dentada, com receio de que me provoque dores de estômago, mas faz-me sentir melhor, de modo que como também a outra metade.

Faltam vinte minutos. Vou até ao quarto, no piso de cima, e sento-me diante do toucador. Tiro a escova de cerdas verdadeiras da gaveta de cima e escovo o cabelo até ficar brilhante. O espelho diz-me que ainda sou atraente: nem uma ruga, nem um cabelo grisalho nem pele flácida debaixo do queixo. No exterior, tudo em ordem. É o meu coração que se sente como se tivesse cem anos.

Levanto-me e aliso a colcha, feita pelos Amish na Pensilvânia; centenas de pequenos hexágonos perfeitos cosidos uns aos outros à mão. As nossas primeiras férias juntos. O Sam acabava de aprender a andar,

mas os seus passos eram ainda muito trôpegos e caía com frequência. Lembro-me de andar à sua frente, pronta para o agarrar.

Faltam agora dez minutos. Desço mais uma vez até ao piso térreo e deambulo pelas divisões. Por fim, abro a porta da rua. A ofuscante luz do Sol bate-me na cara e volto atrás para ir buscar o chapéu. Enquanto desço o caminho do jardim pergunto-me, não pela primeira vez, por que gostarão os americanos de deixar os seus jardins abertos, sem sebes ou muros de tijolo. Qualquer pessoa pode entrar neles, chegar até à casa e espreitar para dentro pelas janelas. É tão diferente dos jardins franceses, sempre cercados por altos muros ou densas sebes, para desencorajar os visitantes que não foram convidados.

O Jean-Luc adora esta abertura. Diz que o que aconteceu em França nunca poderia ter acontecido aqui porque as pessoas são todas francas umas com as outras; ninguém denunciaria um vizinho para depois ir esconder-se atrás de portas fechadas enquanto ele era levado. Não gosto quando ele diz estas coisas, a idealizar o seu novo país. Não consigo impedir-me de pensar que é uma deslealdade para com França. Anos de fome, medo, privação – estas coisas podem transformar uma pessoa boa numa pessoa má.

– Charlie! – A Marge chama-me do jardim em frente, interrompe os meus pensamentos. – Onde te meteste? Fomos tomar café a casa da Jenny. Pensávamos que ias aparecer.

– Desculpa. – O coração falha-me um batimento, e eu tapo a boca com as costas da mão para esconder a mentira. – Precisava de comprar uma coisa, de modo que fui à Lucky Store.

– O quê? Foste até tão longe? Pensava que detestavas aqueles grandes centros comerciais. Podias ter dito. Eu tinha ido contigo.

– Desculpa ter faltado ao café.

– Não te preocupes. Juntamo-nos em casa da Jo na sexta. Escuta, preciso de pedir-te um favor. Importas-te de trazer o Jimmy? Tenho de levar o Noah ao médico. Está com febre e não consigo baixá-la.

– Claro que não.

Tento sorrir, mas sinto-me uma traidora para com estas vizinhas que conheço há anos.